

DIÁRIO LITERÁRIO E DIÁRIO DE ESCRITOR NOS SÉCULOS XIX E XX: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Michel BRAUD¹

Tradução de
Valter Cesar PINHEIRO²
Antônio BATALHA³

Descrever formas genéricas parece sempre um pouco arriscado. Não se corre o risco de generalizar a partir de uma escolha subjetiva e, sobretudo, não se sabe que toda descrição de um gênero poderá ser lida como os traços de uma essência ou as características de uma prescrição? No entanto, termos como *diário literário* e *diário de escritor*, que se tornaram correntes ao longo do século XX, impuseram-se no discurso crítico há cerca de quinze anos. Utilizados por autores, editores e críticos, eles têm valores de uso que é legítimo (e até necessário) tentar determinar. Aqueles que os empregam identificam – de forma mais ou menos precisa, mais ou menos consciente – um conjunto de discursos escritos que têm diversos traços em comum. São essas características que eu gostaria de apresentar de forma sintética, correndo o risco de imprecisão inerente a tal tipo de tarefa e apesar da queixa de normalização que isso pode suscitar. Eu partirei das designações de gênero (*diário literário* e *diário de escritor*), que colocarei em relação com seu referente, tendo como objetivo representar a estruturação de um fragmento do campo literário.

No entanto, descrever o uso de uma expressão não pressupõe que os limites do conjunto genérico assim nomeado sejam claramente identificáveis, assim como aproximar essas duas denominações (que deverão ainda ser confrontadas com a de *diário íntimo*) não pressupõe que elas formem um sistema uma em relação à outra. Presume-se, ao contrário, que as fronteiras sejam instáveis, e as sobreposições importantes, mais ou menos nítidas. Isso tampouco implica a estabilidade de seus valores, que podem variar entre locutores de um mesmo período e evoluir com o tempo. Este levantamento de acepções buscará não deixar estanques essas modulações.

1. Michel Braud é professor emérito do Departamento de Humanidades da Université de Pau et des Pays de l'Adour, desenvolve pesquisas na área de Literatura e Teoria Literária. Seu livro mais recente é *Figures et frontières de l'intime à l'époque contemporaine*.

2. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão – SE. E-mail: valterpinheiro@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4058-2143>.

3. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e especialista em Tradução Profissional pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Cursa, atualmente, o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. É professor de língua portuguesa da rede pública estadual de Alagoas – SEDUC – AL. E-mail: antoniobt@live.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3679-8996>.

Pode-se começar, como o título do colóquio sugere⁴, pela expressão *diário da vida literária*, usada por Edmond de Goncourt em seu testamento, que não foi esquecida pelas gerações seguintes. Ela é retomada em ao menos dois títulos: um, de uma antologia de cartas do século XVIII publicada no começo do século XX⁵; e o outro, de crônicas literárias dos anos 1960⁶. Ou seja: nos dois casos, para designar não um diário redigido todos os dias, mas um conjunto de anotações cronologicamente seguidas e reunidas num volume. A expressão não se tornou corrente, muito provavelmente em razão de sua considerável amplitude, mas também – e sobretudo – por sua extensão e relativa complexidade. De fato, a *vida literária* constitui por si mesma uma locução consolidada, de uso bastante restrito, só encontrada no título de uma seleção de passagens extraídas dos cadernos de Jean Schlumberger, *Notes sur la vie littéraire* [Notas sobre a vida literária], de 1999, que trata essencialmente da história da NRF⁷ [Nouvelle Revue Française].

Só *diário íntimo* aparece como forma lexicalizada nos dicionários, o adjetivo *íntimo* servindo para especificar o tema principal, mas também para distinguir esse tipo de diário dos periódicos cotidianos, os jornais. Diversas outras expressões podem, entretanto, ser identificadas como colocações, isto é, como associações habituais a vários temas. Pode-se, assim, evocar *diário espiritual* ou *diário de viagem*, e, no campo que nos interessa, o *diário literário* e o *diário de escritor*.

1. Diário literário

O diário literário é indubitavelmente associado ao nome de Léautaud⁸, mas vale lembrar que, anteriormente, a expressão tinha o sentido de “escrito periódico, unicamente dedicado às coisas literárias”, único sentido referenciado por Littré. No sentido que nos interessa, *diário literário* permanece bastante raro nos títulos. Depois de Léautaud, ou seja, depois de meados do século XX, essa expressão é encontrada consecutivamente em 1961, na forma de *Diário filosófico e literário*⁹, como título de uma antologia de reflexões sucessivas, porém não datadas,

4. Trata-se do colóquio “Les journaux de la vie littéraire”, organizado por Pierre-Jean Dulief, em Brest, na França, entre os dias 18-19 de outubro de 2007, que resultou em uma publicação homônima ao evento, pela editora Presses Universitaires de Rennes, em 2009 (N. dos T).

5. *Un journal de la vie littéraire au XVIIIe siècle : la correspondance de l'abbé Trublet, documents inédits sur Voltaire, La Beaumelle, Malesherbes, Fontenelle, Mme Geoffrin, La Condamine, etc.* [Um diário da vida literária no século XVIII: a correspondência do abade Trublet, documentos inéditos sobre Voltaire, La Beaumelle, Malesherbes, Fontenelle, Mme Geoffrin, La Condamine etc.]. Introdução e notas explicativas de J. Jacquart, Paris, A. Picard, 1926.

6. Jacques Brenner, *Journal de la vie littéraire* [Diário da vida literária], 2 vol (1962-1964 e 1964-1966), R. Julliard, 1965 e 1966.

7. Jean Schlumberger, *Notes sur la vie littéraire* [Notas sobre a vida literária], Gallimard, 1999. O editor do volume, Pascal Mercier, afirma que essa seleção retoma somente “um décimo dos *Carnets* de Jean Schlumberger”, e justifica a escolha do título pela exclusão de tudo o que se refere “à família, à vida privada e à atividade social do escritor” (p. 30).

8. Paul Léautaud, *Journal littéraire* [Diário literário], Mercure de France, 19 vol., 1954-1966 (reeditado em 3 vol., 1986).

9. Hertel, François (pseud. de Rodolphe Dubé), *Journal philosophique et littéraire*, Paris, Les Éditions de la Diaspora française, 1961.

numa edição de 1970 de reflexões literárias de Stendhal, reunidas por V. Del Litto¹⁰, e em 1975, no Quebec, pela lavra de Andrien Thério¹¹, numa antologia de crônicas de humor datadas. Ela foi recentemente retomada por Claude Michel Cluny¹² no subtítulo dos cinco volumes de diários que ele publicou a partir de 2002.

A expressão apareceu no discurso crítico nos anos 1990, quando o diário se tornou objeto de estudo universitário. Ao que tudo indica, surgiu em 1993, num artigo, na forma de *diário íntimo literário*¹³, que reconhece a um conjunto de diários íntimos um status literário, e depois, em 1995, a respeito do diário de Léon Bloy¹⁴, para designar a forma elaborada e publicada, em oposição ao diário íntimo completo, que permanece inédito até os dias de hoje¹⁵, e por fim, em 2004, no estudo de Catherine Rannoux intitulado *Les Fictions du journal littéraire*¹⁶ [As Ficções do diário literário], dedicado a Paul Léautaud, Jean Malaquais e Renaud Camus.

Se a diversidade de intenções nessas ocorrências revela uma grande amplitude de uso, dois sentidos principais desenham-se com bastante clareza – e, de modo bem significativo, aplicam-se ao *Journal littéraire* [Diário literário] de Léautaud. O primeiro é o do diário dedicado à sociedade literária: aos encontros, aos cenáculos, às panelinhas e às lutas por influência, aos prêmios e às honrarias. Nesse sentido, o diário literário inscreve-se diretamente na linha memorialista do *Journal* dos Goncourt: é o espaço onde se registram retratos, diálogos, cenas do mundo literário pelo qual circula o diarista. É o parente próximo dos *Mémorables* [Memoráveis], para retomar o título das crônicas que Maurice Martin du Gard publica em livro a partir de 1957. Mas o projeto de reunir documentos humanos sobre uma época é acompanhado, no diário, de um ponto de vista fortemente crítico, apoiado numa posição singular no campo literário. O diarista goza, de fato, de uma situação privilegiada de observador do mundo literário, mas não desfruta de um manifesto reconhecimento de suas próprias obras por seus contemporâneos. Ele não está, absolutamente,

10. Nas *Œuvres Complètes* [Obras completas], Cercle du Bibliophile, 1970. Del Litto assim justifica a organização deste volume: “Sob o título de *Journal littéraire* [Diário literário] reunimos [...] as reflexões de ordem literária realizadas por Stendhal ao longo da vida. Como o título indica, esse *Journal littéraire* amplia, completando-o, o *Journal intime* [Diário íntimo]” (Stendhal, *Œuvres intimes*, t.1, Gallimard, “Pléiade”, 1981, p. 1115, n. 1).

11. Adrien Thério, *Des Choses à dire. Journal littéraire: 1973-1974* [Coisas a dizer. Diário literário: 1973-1974], Montreal, Jumonville, 1975. O autor afirma que essas crônicas não foram publicadas anteriormente em revista e dá a entender que elas foram escritas por despeito, por não ter podido fazê-lo. Localiza-se aqui, às margens do diário, o sentido tal qual o compreendemos.

12. Claude Michel Cluny, *L’Invention du temps. Journal littéraire* [A Invenção do tempo. Diário literário], (5 vol. publicados), La Différence, 2002-2007.

13. Hans Jürgen Lüsebrink, «Journal intime littéraire et autobiographie : sociogénèse et pratique littéraire» [“Diário íntimo literário e autobiografia: sociogênese e prática literária”], in Manon Brunet e Serge Gagnon (dir.), *Discours et pratiques de l’intime* [Discursos e práticas do íntimo], Institut Québécois de Recherche sur la Culture, 1993, p. 181-195. Observa-se, no entanto, que, se o sumário indica “Diário íntimo literário...”, o título do artigo é “Diário íntimo e autobiografia...”.

14. Pierre Glaudes (dir.), *Léon Bloy 3. Journal intime, journal littéraire : l’année 1892* [Léon Bloy 3. Diário íntimo, diário literário: o ano de 1892], Lettres Modernes, 1995.

15. Léon Bloy, *Journal inédit* [Diário inédito] publicado sob a organização de Pierre Glaudes e Michel Malicet, 3 vol. publicados, Lausanne, L’Age d’Homme, 1996-2006.

16. Catherine Rannoux, *Les Fictions du journal littéraire : Paul Léautaud, Jean Malaquais, Renaud Camus* [As Ficções do diário literário: Paul Léautaud, Jean Malaquais, Renaud Camus], Droz, 2004.

em posição de dominação simbólica no campo literário – os Goncourt queixam-se fortemente disso, aliás, em seu *Journal*. A situação de testemunha permite-lhe um relativo distanciamento em relação às práticas e usos do meio literário, distanciamento que se vê realçado pela enunciação do diário: o recuo da escrita permite uma grande liberdade de expressão sobre o mundo observado, ou, caso prefiram: o diário é para o diarista o lugar de uma afirmação de liberdade, na medida em que o segredo da escrita permite relatar o que não pode circular por escrito. A enunciação intercalada do diário (cada entrada é redigida sem que o diarista tenha conhecimento do que virá) também serve a essa distância no que diz respeito aos usos sociais: o diarista assume o risco de fazer um julgamento sem ter a perspectiva retrospectiva que elucidaria seu discurso. Não se trata, portanto, de relatar com distância e comedimento a vida literária de seu tempo (como pode fazer Maurice Martin du Gard), mas de afirmar um olhar imediato sobre o mundo literário – o éthos assim composto assegurando um discurso que se distancia de qualquer pudor dissimulado.

Com variações, encontra-se tal posicionamento enunciativo desde o final do século XIX até os dias atuais, em diversos diários. Poder-se-ia evocar, nos anos finais do XIX, o de Louis-Pilate de Brinn’Gaubast¹⁷, e na segunda metade do XX, os diários de Matthieu Galey¹⁸ ou de Jacques Brenner¹⁹. Esses diaristas encontram-se, como os Goncourt ou Léautaud, no centro de uma rede de sociabilidades literárias, sem que suas obras sejam reconhecidas como de primeiro plano. A maioria deles tem em comum o fato de vislumbrar a publicação de seu diário, seja evocando o projeto em seu próprio diário, seja publicando passagens dele ainda em vida, seja ainda preparando o manuscrito para uma publicação póstuma. O diário da vida literária apresenta-se como o testemunho de uma época e de um grupo e como a afirmação de uma subjetividade.

Se se esboça assim uma forma de diário, dedicado essencialmente à vida literária, mantido com certa distância crítica e destinado à publicação, não seria fácil estabelecer com precisão os seus contornos. De fato, inúmeros diários aproximam-se dessa forma, com relatos mais neutros, como os de Delécluze ou de Fontaney, no começo do século XIX, e os de Follain, no XX. Aproximam-se também dessa forma diversos diários de escritores que dão lugar à vida literária, sem que isso seja, de forma contínua, objeto central de suas anotações. De Stendhal a Nabé, os exemplos seriam incontáveis. Nenhuma fronteira marca, por conseguinte, os territórios do diário da vida literária com precisão. Esses textos, para os quais Léautaud nos serviu de parâmetro, na esteira dos Goncourt, são, aliás, geralmente intitulados somente de *diário*, como os de Matthieu Galey ou Jacques Brenner.

O segundo sentido da expressão *diário literário* é o do diário como obra: um “trabalho literário²⁰” que se dá a ler como livro e que visa a um certo reconhecimento estético. Esse já é

17. *Le Journal inédit de Louis-Pilate de Brinn’Gaubast* [O Diário inédito de Louis-Pilate de Brinn’Gaubast], Horay, 1997.

18. Matthieu Galey, *Journal* (2 vol.), Grasset, 1987-1989.

19. Jacques Brenner, *Journal* (vol. 1, 2 e 5 publicados), Pauvert, 2006-2007.

20. A expressão é de Catherine Rannoux a propósito do *Journal littéraire* [Diário literário] de Léautaud (*Les Fictions du journal littéraire* [As ficções do diário literário], p. 28).

um dos sentidos do diário de Léautaud, como afirma Catherine Rannoux, que identifica nele a valorização do natural e a recusa do academicismo, que, seja dito de passagem, o diarista explicita em seu diário:

A diferença que amiúde se vê num mesmo autor entre o estilo de suas cartas, o de seu diário, caso tenha um, o de seus artigos e o de seus livros, é uma coisa curiosa. Não se pode negar que o primeiro é superior ao segundo, com todo o interesse do natural, do verdadeiro e da espontaneidade. Tampouco se pode negar que, quando escrevemos um artigo ou um livro para o público, todos fazemos mais ou menos retórica, todos temos algo de afetado, mesmo aqueles dentre nós que são mais simples (22 de julho de 1992).

A forma mais elevada de literatura, segundo Léautaud, é, portanto, aquela que responde a um projeto de *espontaneidade*. E o diário é, por excelência, o gênero que escapa ao filtro da codificação dos usos sociais, e pode, portanto, ser considerado propriamente *literário* pela subversão dos valores comuns, no sentido de que se impõe como uma das poucas formas de escrita espontânea.

Sem adotar explicitamente esse credo, o diário pessoal impõe-se progressivamente como um gênero ao longo do século XIX e, sobretudo, do XX, podendo assim ser classificado como obra literária. É nesse sentido que se deve entender o adjetivo no subtítulo do diário de Claude Michel Cluny, que mistura anotações sobre todas as dimensões da existência: mundo natural, atividades cotidianas, meio literário, amores e envelhecimento. A realidade social não ocupa o primeiro lugar, substituída por uma reflexão recorrente sobre o homem, a existência e a escrita. O *diário literário*, nesse sentido, aproxima-se do diário de escritor, sendo até confundido com ele, ao mesmo tempo em que ostenta de saída o seu caráter literário.

2. Diário de escritor

A expressão genérica *diário de escritor* parece ter surgido no discurso crítico ao longo dos anos 1990. Foi, porém, localizado décadas antes *Diário de um escritor* como título de obra. Se for deixada de lado a antologia de artigos de Dostoiévski nomeada com esse título, que não é um diário no sentido que entendemos²¹, é no final dos anos 1950 que essa denominação surge, novamente numa tradução, e particularmente num volume póstumo, composto por Leonard Woolf a partir do diário de sua mulher: o *Diário de uma escritora*, de Virginia Woolf²². A atribuição do predicado *escritor* é, dessa forma, uma ação do editor, que indica em seu prefácio ter selecionado, dentre as notas, essencialmente as que tratavam da criação literária. Alguns anos mais tarde, em 1962, o romancista Roger Rugidoz retoma a fórmula no

21. Fedor Michailovitch Dostoiévski, *Journal d'un écrivain* [Diário de um escritor], Gallimard, Pléiade, 1972 [primeira tradução francesa, 1904].

22. Virginia Woolf, *Journal d'un écrivain* [Diário de uma escritora], Mônaco, Editions du Rocher, 1958.

subtítulo de *Saute le temps...*²³, primeiro volume de suas notas íntimas de romancista pobre e melancólico. Encontramo-la, por fim, trinta anos depois, numa obra de Bernard-Henri Lévy, *Le lys et la cendre: journal d'un écrivain au temps de la guerre de Bosnie* [O lírio e a cinza: diário de um escritor no período da guerra da Bósnia]²⁴, que traça, dia após dia, o combate de um intelectual engajado.

Entre os estudos críticos, diversos artigos de Jerzy Lis analisam, desde 1994, o diário de escritor, antes de sua obra de síntese, *Le Journal d'écrivain en France dans la première moitié du XXe siècle* [O Diário de escritor na França na primeira metade do século XX], publicado em 1996²⁵ e dedicado a mais de 30 textos, conhecidos (Bloy, Dabit, Drieu La Rochelle, Gide, Green, Larbaud, Léautaud etc) ou esquecidos (Maurice Donnay, Edmond Gilliard, Marie Noël, Irène-Carole Reweliotty...). Dois anos depois, em 1998, um seminário da AIEF, Associação Internacional de Estudos Franceses, foi dedicado ao diário de escritor (a partir dos Goncourt), e seu organizador, Claude Foucart, evocou na abertura do evento “a necessidade [...] de definir o que parece ter-se tornado, nos tempos modernos, um gênero literário”²⁶. Por fim, a tese de Thomas Clerc acaba por legitimar a denominação genérica: *Le Journal d'écrivain dans la littérature française du XXe siècle: sémiostylistique d'un genre* [O Diário de escritor na literatura francesa do século XX: semioestilística de um gênero]²⁷.

A leitura desses textos mostra que o diário de escritor é uma forma pouco rígida, com fronteiras bastante porosas. A fronteira entre o diário e os cadernos de escritor, em especial, é incerta. A crítica genética distingue bem um do outro, vendo no diário “uma rede de escrita sobre o tempo” e, nos cadernos, “o lugar da escrita privada, [...] fragmentária e heterogênea”, sem inscrição no tempo²⁸. *Les Carnets du vieil écrivain* [Os Cadernos do velho escritor], de Jean Guéhenno, inserem-se bem nessa definição. O termo *caderno* permite também, em certos casos, assinalar a dimensão poética do volume, que se aproxima mais de uma compilação de observações ou de poemas em prosa do que de uma série de anotações íntimas, como se pode observar nos cadernos de Du Bouchet, de Jaccottet, de Butor ou de Paul de Roux²⁹. No entanto,

23. Roger Rudigoz, *Saute le temps... : Journal d'un écrivain* [Salta o tempo...: Diário de um escritor], Julliard, 1962. Esse volume será seguido de um segundo, *A tout prix : Journal d'un écrivain 2* [A qualquer preço: Diário de um escritor 2], Julliard, 1963.

24. Bernard-Henri Lévy, *Le lys et la cendre : journal d'un écrivain au temps de la guerre de Bosnie* [O lírio e a cinza: Diário de um escritor no período da guerra da Bósnia], Grasset, 1996.

25. Jerzy Lis, *Le Journal d'écrivain en France dans la première moitié du XXe siècle* [O Diário de escritor na França na primeira metade do século XX], Poznan, Wydawnictwo Naukowe UAM, 1996.

26. *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, n° 51, maio de 1999, p. 289.

27. Thomas Clerc, *Le Journal d'écrivain dans la littérature française du XXe siècle, sémiostylistique d'un genre* [O Diário de escritor na literatura francesa do século XX, semioestilística de um gênero], sob a orientação de Georges Molinié, 1999, Université de Paris IV.

28. Louis Hay et alii, *Carnets d'écrivains* [Cadernos de escritores], CNRS, 1990, p. 9.

29. Penso, aqui, no *Carnet* [Caderno] de Du Bouchet (Fata Morgana, 3 vol., 1994-2000), e nos volumes subintitulados *carnets* por Michel Butor (*Au jour le jour. Carnets 1985* [No dia a dia, Cadernos 1985], Plon, 1989), Philippe Jaccottet (*La Semaïson* [A Semeadura], Gallimard, 1984), ou Paul de Roux (*Les Intermittences du cœur* [As Intermitências do coração], Le Temps qu'il fait, 1989).

muitos outros autores não se restringem estritamente a essa delimitação, nomeando, como fazem Guilloux, Montherlant ou Calaferte, seus diários de *caderno(s)* mais com base no suporte de escrita do que em função da organização e do propósito do texto³⁰.

Mesmo se a fronteira permanece aqui um tanto incerta, o *diário de escritor* não é um conceito sem consistência. Ele combina as características do diário pessoal (a escrita autobiográfica distanciada do mundo, o interesse central pela interioridade ou pela atividade do diarista e a descrição do mundo circundante, durante um determinado período ou ao longo de uma existência, com uma oscilação quanto ao caráter literário ou não do texto) e o fato de ser escrito por um escritor. Utilizada pela crítica, *diário de escritor* é uma expressão usada para escritores reconhecidos, mesmo que sejam considerados menores (Boylesve, por exemplo, citado por J. Lis). Se empregada pelo próprio autor (Rudigoz, Lévy), soa mais como uma reivindicação de status.

Em todos esses textos, a criação literária junta-se aos *acta*, *cogitata* e *sentita* como um dos temas centrais. Certos diários servem, mais ou menos pontualmente, como caderno de notas ou rascunhos. Neles, o diarista registra uma ideia, uma descrição, ou ensaia uma fórmula, compõe um poema. Amiúde, ele igualmente deixa ali consignado o desenvolvimento de outra obra. Pode-se seguir, no *Diário* de Gide, as diversas etapas do projeto, da construção da narrativa e das redações sucessivas de *Les caves du Vatican* [Os subterrâneos do Vaticano], à sua recepção por pessoas próximas e pela crítica³¹. No entanto, esse relato não é obrigatório. O escritor-diarista nem sempre tem necessidade de registrar tão precisamente os momentos de uma produção literária que nele desperta apenas reflexões casuais. Assim, Jean Sénac questiona-se pontualmente sobre um projeto de *Élégies rudérales* [Elegias ruderais]³² para caracterizar o estilo dos poemas que deseja escrever, sem dar conta, de modo sistemático, dos livros que elabora.

A elaboração poética do cotidiano que aflora nesses diários é outra característica, igualmente parcialmente registrada. Eugène Dabit, que acompanha sua mãe ao hospital onde ela será operada, anota em seu diário: “Hesito em escrever, pois não sei se escrevo um poema. Não. Estou na sala de consulta, nova, banal, que lembra salas semelhantes, mas o cheiro...Aqui é uma encruzilhada. A vida hesita. O pensamento apaga-se, morre, ou vai reacender”³³. E algumas linhas depois, ele adota uma versão versificada:

Entra-se ou sai-se desta casa,
Confiante ou com a morte já
em si.

30. Pode-se fazer uma reflexão semelhante sobre o termo *cahiers* [cadernos] (*Cahiers de Jean Duval*, por exemplo), com a diferença de que esse termo é menos frequente e menos utilizado. [Nota dos tradutores: o autor emprega, no texto, o termo *carnet* [caderneta], distinguindo-o, aqui, de *cahier* [caderno]. Em português usa-se, no sentido proposto, apenas *caderno*, praticamente. Eis a razão pela qual ambos os termos franceses foram traduzidos por essa mesma palavra].

31. André Gide, *Journal* [Diário], t.1, Gallimard, Pléiade, 1996, p. 478-799.

32. Jean Sénac, *Journal Alger* [Diário Argel], Novetlé, 1996, p. 45 (23 de abril de 1954). As *Élégies rudérales* de que trata a nota não serão publicadas com esse título.

33. Eugène Dabit, *Journal intime 1928-1936* [Diário 1928-1936], Gallimard, 1989, p. 247 [20 de outubro de 1933].

Aspirando o ar ou recolhendo os ruídos
Ou já ferido e molestado pela vida ativa
Que não mais encontrará a si mesmo³⁴.

Os exemplos poderiam ser multiplicados. Cada momento, e até mesmo nos contextos mais banais e sórdidos, é um momento potencialmente poético, e o diário pode ser o local dessa literatização da existência. O diário de escritor, pela tensão da escrita que o inspira, apresenta (ou representa) uma maneira de estar em si mesmo e no mundo na linguagem e pela linguagem. O escritor, cuja obra aparece em segundo plano, é animado por uma busca pela escrita que é também uma busca pela escrita de si. “O mundo recomeça todas as manhãs. E eu, todas as manhãs, abro novamente este caderno”, escreve Jacques de Bourbon Busset³⁵. O escritor-diarista avança na existência com palavras, elabora sua existência em palavras ao longo da escrita de uma obra – e faz uma obra de suas anotações cotidianas. É um homem que acompanha a escrita de uma obra pela escrita de si e que faz desta uma escrita literária. Marcelin Pleynet propõe outra leitura em *Le Jour et l'heure* [O Dia e a hora]:

Este diário é um diário dos dias de estudo, na medida em que uma cor, uma luz, um livro, uma frase participam desse estudo, dessa espécie de estudo que, por acumulação, adição, multiplicação e subtração, conduz à escrita, a esse mundo fora do mundo no mundo onde nasce a escrita...³⁶

Nessa escrita cotidiana de uma existência dedicada à escrita revela-se uma ambição implícita, a de uma representação de si mesmo como escritor que o diarista lê, às vezes, às avessas em suas notas³⁷, ou que projeta diante de si na forma do desejo de irromper no mundo literário. Ou seja, como formula François Mauriac no *Journal d'un homme de trente ans* [Diário de um homem de trinta anos], na forma do desejo de lograr êxito:

André Germain me solicita fragmentos dos meus *Beaux esprits de ce temps* [Belos espíritos deste tempo] para sua revista. Lescure também. Blanche desdobra-se para fazer representar a nossa peça. Quase certeza de, um dia ou outro, “chegar lá”³⁸.

O diário de escritor é também o relato dessa aspiração ao reconhecido do público, dos editores e da crítica.

A especificidade do diário de escritor em relação ao diário mantido por uma pessoa qualquer talvez se encontre no embate entre a familiaridade do diarista com a linguagem, o refina-

34. *Ibid.*, p. 248.

35. Jacques de Bourbon Busset, *La nature est un talisman* [A natureza é um talismã], Gallimard, Folio, 1978, p. 170 [junho de 1965].

36. Marcelin Pleynet, *Le Jour et l'heure. Journal* [O Dia e a hora. Diário], Plon, 1989, p. 128 [17 de julho de 1981].

37. Ver, por exemplo, Roger Vailland, *Écrits intimes* [Escritos íntimos], Gallimard, 1968, p. 797 (09 de novembro de 1964).

38. François Mauriac, *Journal d'un homme de trente ans* [Diário de um homem de trinta anos], in *Œuvres autobiographiques* [Obras autobiográficas], Gallimard, Pléiade, 1990, p. 244 (08 de janeiro de 1918).

mento estético que anima suas atividades cotidianas e sua busca de um status social pela escrita. No entanto, mais uma vez, a fronteira permanece porosa entre esses diários e os outros. Recordar-se, acerca disso, que alguns diários mantidos por não-escritores foram, mais tarde, tidos como literários. Podem-se citar, no século XIX, o diário de Marie Bashkirtseff, “pintorazinha”, nos termos ofensivos de Brunetière³⁹, e, no XX, os de Boris Vildé⁴⁰, etnólogo e membro da Resistência, e de Jean Duval, inspetor-geral do ensino secundário⁴¹. Além disso, certos escritores só o são ou se tornaram escritores devido a seus diários. Amiel publicou somente algumas coletâneas de poemas durante a vida, e tais publicações não lhe deram reconhecimento como escritor. Ele era, aliás, completamente desconhecido da crítica até a publicação de seu diário. Mais perto de nós, Charles Julie publicou como primeira obra o seu diário, e tornou-se conhecido como escritor por essa publicação. Nesses dois autores, uma busca literária é, todavia, perceptível: em Amiel, por sua procrastinação doentia, e, em Juliet, por seu desejo explícito de ser escritor.

A despeito dessa reconhecida variação de fronteiras, o diário de escritor no geral permanece um gênero fácil de identificar pela notoriedade de seu autor e pelo trabalho de escrita que o organiza. Uma editora (a Seuil) chegou a fazer disso o princípio de uma coleção⁴², a cada ano solicitando a um autor diferente (Philippe Sollers e Michel Del Castillo, por exemplo) que escrevesse um diário. Se o diário íntimo é, segundo pesquisas, praticado nas mais diversas esferas sociais, o diário mantido por escritores tornou-se sua forma legítima, a que é publicada e estudada, bem como a que progressivamente atinge o status de obra literária e se torna modelo do gênero. Aliás, o diário de escritor é assim chamado basicamente pela crítica universitária, que qualifica um objeto de estudo com essa denominação genérica, diferenciando-o do diário realizado fora do espaço literário. De fato, viu-se que o uso da expressão por um autor era raro e tinha valor de reivindicação. E os editores e as mídias não a utilizam (com exceção, como no caso de Virginia Woolf, para acentuar, postumamente, o processo de criação) porque o diário de escritor é, *de fato*, a forma reconhecida do diário pessoal.

Se o diário literário permanece como uma categoria genérica dupla – e instável – tramada entre um modelo memorialista, de um lado, e, de outro, o uso genérico no sentido de “diário íntimo de caráter literário”, o diário de escritor tem, nos estudos críticos, valores estáveis e identificáveis e impõe-se no uso geral, sob a denominação de diário, como a forma legítima, isto é, como a forma de referência do gênero.

39. Marie Bashkirtseff, *Mon Journal* [Meu Diário], Cercle des amis de Marie Bashkirtseff, 16 vol., 1995-2005. F. Brunetière, «La Littérature personnelle» [A literatura pessoal], *Revue des Deux Mondes*, 15 de janeiro de 1888, p. 434.

40. Boris Vildé, *Journal et lettres de prison 1941-1942* [Diário e cartas da prisão 1941-1942], Allia, 1997.

41. Jean Duval, *Cahiers* [Cadernos], Corti, 1968.

42. Ao menos no início dessa coleção e sem que isso fosse explícito. Coleção: “Journal de la fin du siècle [Diário do fim do século]”, retomada sob o título de “Journal du nouveau siècle [Diário do novo século]”.